

## ***Gringos versus Comunistas: uma mirada sobre a Ditadura Civil-Militar no Brasil a partir da Casa do Estudante Universitário Aparício Cora de Almeida (1963-1981)***

### ***Gringos versus Communists: a look at the Civil-Military Dictatorship in Brazil from the Casa do Estudante Universitário Aparício Cora de Almeida (1963-1981)***

**Marcos Luiz Hinterholz**

e-mail: [marcos.hinterholz@ufrgs.br](mailto:marcos.hinterholz@ufrgs.br)

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Brasil*

**Resumo:** A Casa do Estudante Universitário Aparício Cora de Almeida (CEUACA) foi a primeira organização de moradia estudantil do estado do Rio Grande do Sul –Brasil. Fundada por um grupo de estudantes em 1934, manteve-se independente, sem vinculação com nenhuma universidade, num modelo autônomo e autogerido que já dura há mais de 80 anos. O presente artigo faz parte de um estudo maior, que vem procurando entender esta Casa para além do seu caráter de moradia e assistência estudantil, buscando interpretá-la como instituição educativa e inscrevendo-a no campo da História da Educação. Este movimento parte de uma complexificação deste espaço de sociabilidade e de uma concepção ampliada de movimentos estudantis, ultrapassando os muros das universidades, numa mirada para esta outra forma de organização social. No recorte em questão, busco compreender como os eventos da Ditadura Civil-Militar brasileira e as repercussões locais do Maio de 68 francês foram percebidos e construídos a partir deste espaço. O emprego da metodologia da História Oral para produzir narrativas de memória com oito antigos moradores de 1963 a 1981, fez emergir discursos e representações a partir dos quais foi possível compor uma leitura sobre aqueles eventos. A pesquisa vem demonstrando formas variadas de elaborar e significar as experiências daquele período e as divisões ideológicas, que nem sempre se encaixam no tradicional par repressão/resistência. Também foi possível pensar as relações dos estudantes

com outras organizações populares, a circulação de livros, periódicos e filmes, bem como a complexidade do espaço social no qual a Casa se inseria.

**Palavras chave:** Casa do Estudante; Instituição Educativa; Ditadura Civil-Militar; *Maio de 68*.

**Abstract:** *Casa do Estudante Universitário Aparício Cora de Almeida (CEUACA)*, a college student residence hall located in the city of Porto Alegre, was the first residence hall in the State of Rio Grande do Sul – Brazil. Ever since it was founded in 1934, the dormitory has kept its autonomy from any universities or colleges in the region, being administrated entirely by its occupants. This article is a development of a more comprehensive study in the field of History of Education, which focuses on CEUACA and its role as part of an «informal» educational system, which works far beyond University borders. In this paper, we focus on unveiling the effects of the Brazilian Military Dictatorship (1964-1985), as well as the local repercussions of the events of May 1968 in the dormitory students. We used an Oral History approach to capture the echoes of these events in the narratives of eight former occupants, who lived in the dormitory between 1963 and 1981. Through the narratives, it was possible to visualize the students' relationship with popular organizations, as well as the circulation of books, journals and films. The results demonstrate the various ways found to signify the experiences lived by these students in the period and the ideological divisions that sometimes subvert the traditional binary repression/resistance.

**Keywords:** College student residence; Educational Institution; Brazilian Military Dictatorship; May 1968 Events.

Recibido / Received: 10/10/2017  
Aceptado / Accepted: 30/10/2017

## 1. Introdução

Nas pesquisas que venho realizando desde 2014, busco entender o ambiente Casa do Estudante para além do seu caráter de moradia e assistência estudantil, lançando um olhar para a gama de relações presentes nestes espaços. O conceito de *instituição educativa* está sendo fundamental neste processo de inscrição da temática no campo da História da Educação, num movimento de complexificação destes espaços de sociabilidade, revelando-os potentes para pensar os movimentos estudantis universitários em sentido ampliado. O objetivo desta escrita é refletir o contexto político 1964-1985 a partir de oito narrativas de antigos moradores da Casa do Estudante Universitário Aparício Cora de Almeida (CEUACA).

Mas por que pensar o movimento estudantil a partir de uma Casa de Estudantes? Quais as potencialidades de uma abordagem como esta? Um pouco sobre a história de criação e organização da CEUACA lançará luz sobre estas questões.

Fundada em 1934, mesmo ano de criação da Universidade de Porto Alegre, atual Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), a CEUACA manteve-se sempre de forma autônoma e autogerida, tendo se constituído a partir da articulação dos próprios estudantes, responsáveis pela captação dos recursos financeiros que a mantiveram, bem como toda a administração da instituição<sup>1</sup>. Pode-se ainda falar em um caráter de representativo da Casa, visto atender alunos de diversas Escolas Superiores, tanto públicas quanto privadas<sup>2</sup>. Sua localização

<sup>1</sup> Ver o estudo de Hinterholz (2017).

<sup>2</sup> Quanto a presença de estudantes de instituições privadas na Casa, há um aspecto a ser considerado. A CEUACA parece ter possibilitado, ou pelo menos facilitado, a estratégia de jovens pobres que se mantiveram em instituições privadas de ensino superior nas décadas de 1960 e 1970.

estratégica no centro político, econômico e cultural da cidade de Porto Alegre-RS, bem como sua independência em relação a instituições externas, instigam o olhar para outras formas de organização estudantil. Um convite a ultrapassar os muros da Universidade e refletir a operacionalização desta experiência de autogestão numa realidade política tão restritiva como a imposta pelo regime totalitário iniciado em 1964.

Como tão bem nos lembra Justino Magalhães (2004), as instituições educativas são organismos vivos, integrados a uma estrutura educativa mais ampla. Transmissoras e produtoras de culturas, possuem especificidades que lhes conferem identidades históricas. Isto complexifica sobremaneira o trabalho da História da Educação, especialmente ao se lançar a lupa sobre uma organização de moradia estudantil, mirando com atenção as representações dos sujeitos habitantes destes espaços, em contextos políticos tensionados como os verificáveis na Ditadura.

Mais do que produzir resultados imediatos, a História da Educação possui um compromisso ético em historiografar este período, sobretudo num país como o Brasil, que ainda não trabalhou devidamente este dramático capítulo de sua história. Um passado recente da educação, que não pode dar-se ao luxo de esperar, porque segue reverberando forte no presente. A pesquisadora Carolina Kaufmann (2017), quando analisa a situação das produções sobre a Ditadura argentina, concorda com a importância da realização destes estudos, argumentando que os benefícios daí decorrentes não podem ser medidos de forma pragmática ou utilitarista, pois seriam antes um compromisso ético dos historiadores. É este o espírito que conduz a presente reflexão.

Chamada para o diálogo, Ecléa Bosi (2003) vem lembrar que, embora o tecnicismo reinante busque nos convencer da inutilidade da memória e dos sentimentos nostálgicos, estes são intrínsecos à condição humana. Os seres experimentam de diferentes formas uma mesma época e as memórias nos fazem perceber o quanto ela vem carregada de sentidos e elaborações. Para a autora, mais do que experiências individuais, as narrativas de memória podem nos dar a ver a complexidade do acontecimento, na medida em que toda percepção está impregnada de lembranças, possuindo a memória uma função decisiva na elaboração das representações. As narrativas de memória dos atores que viveram e experiência da moradia estudantil e do seu entorno, podem potencializar as leituras sobre educação em contextos repressivos e as repercussões locais de marcadores históricos como o *Maio de 68*.

Pensando um pouco mais sobre a produção de narrativas a partir da metodologia da História Oral, destaco a natureza deste tipo de fonte, uma vez que «a memória guarda o mérito de trazer à tona nuances do passado, que podem estar esquecidas e, por vezes, se encontram inatingíveis em outras formas de documentação, além de dar visibilidade aos sujeitos na construção da história» (Almeida, 2009, p. 216).

---

O depoimento de João Pedro Stédile ajuda a compreender este aspecto: «Mas eu tenho certeza que na PUC tinha mais filhos de trabalhadores do que na UFRGS. Porque nós nos arrebentávamos trabalhando de dia para estudar de noite. Pagávamos a faculdade. Em geral era assim no meu tempo, que era um padrão, eu acho: ganhava dois salários mínimos. Um, tu pagavas a PUC, e o outro pagava uma parte a CEUACA, que tinha aquela taxa e as despesas» (Entrevista realizada em 17/03/2017).

A vivência da moradia estudantil ultrapassa os limites dos muros e da experiência imediata, deixando fortes marcas nos sujeitos que as habitaram, de modo que esta vivência «defere-se no tempo, seja pelas transformações de caráter material, seja especificamente como representação, referência e memória dos indivíduos e dos grupos» (Magalhães, 2004, p. 116).

Assim, a escolha dos entrevistados, conforme o *Quadro 1*, deu-se a partir de um único critério: ter sido morador da *Casa* no recorte temporal estabelecido. Todos os entrevistados optaram por serem identificados, assinando o termo de consentimento informado. As entrevistas foram realizadas entre setembro de 2015 e março de 2017.

**Quadro 1: Relação de entrevistados.**

Nome	Profissão	Idade	Período de moradia na Casa	Cidade de origem
Edson Canabarro	Professor da rede estadual <sup>1</sup>	74	1968-1972	Quaraí/RS
Flávio Scholles	Artista Plástico	66	1971-1972	Morro Reuter / RS
João Pedro Stédile	Economista e líder do MST <sup>2</sup>	63	1972-1975	Lagoa Vermelha/RS
Nereu Lima	Advogado	70	1965-1970	Lagoa Vermelha/RS
Nivaldo Cunha	Engenheiro	60	1976-1981	Mato Grosso
Paulo Guimarães	Corretor de Imóveis	62	1974-1979	Passo Fundo/RS
Rui AdolfoKirst	Advogado	61	1968-1969	Estrela/RS <sup>3</sup>
Waldomir Gonçalves	Dentista	78	1963	Rio Grande/RS

**Fonte: Elaborado pelo autor.**

Apresentadas as fontes do estudo e abastecidos com os pressupostos elencados, partimos para a análise prometida, iniciando por uma conjuntura mais ampla, traçando um quadro que busca refletir os paradoxos entre utopia e repressão nos eventos do contexto 1963-1981. Em seguida, volto o olhar para estes mesmos eventos, mas a partir da CEUACA, por meio da escuta das memórias de alguns de seus antigos moradores, que dão a ver muito mais do que uma experiência de moradia.

## **2. O contexto político do regime civil militar brasileiro e os ventos do Maio de 68**

Nos processos de mudanças políticas, a educação sempre acaba por tornar-se alvo estratégico, verdadeiro campo de disputas, pois os regimes necessitam de pedagogias, tanto em suas fases embrionárias quanto para sua consolidação e perpetuação. É fácil compreender porque os sistemas educativos são especialmente visados, sendo as intervenções de variadas ordens. Segundo Rodrigo de Patto de Sá Motta (2014), que estudou a relação das universidades brasileiras com o Regime Militar, estas são um espaço privilegiado de observação do embate entre diferentes forças sociais do Brasil de então, entre valores conservadores e ideais de esquerda e de vanguarda. O autor aponta que a interferência da Ditadura sobre estas instituições foi marcada por ambiguidades, no sentido de ao mesmo tempo modernizá-las e reprimi-las, reformá-las e censurá-las.

Recuando um pouco mais, há que se observar que a ideologia oficial do Regime foi gestada na Escola Superior de Guerra (ESG)<sup>3</sup>, no período de 1954-1964, década anterior a tomada do poder pelos militares. Entre as principais ideias estava a do combate a um inimigo interno, o comunismo. No período que se segue a 1964, o objetivo é consolidar o Regime e seus princípios, quando a ordem passa a ser reprimir uma das principais ameaças - os movimentos estudantis de oposição - bem como difundir o pensamento que legitimava o governo dos militares: educar para a pátria e para a nação.

A interferência na educação foi ampla, geral e irrestrita. Presença de observadores nas salas de aula, censura de livros e músicas, o exílio e silenciamento forçado de intelectuais, a restrição à liberdade de opinião, foram alguns dos arbítrios que deixaram marcas profundas na educação brasileira. As Escolas Superiores e os espaços acadêmicos foram alvos privilegiados, inclusive com o expurgo de professores considerados não alinhados ideologicamente ao projeto da Ditadura. Na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) foi instalada, em 1964, a Comissão Especial de Investigação Sumária (CEIS), que se encarregou do desligamento dos docentes classificados como subversivos (Holzmann, 2008). O historiador Boris Fausto (2012) reforça esta ideia de que a classe estudantil foi especialmente visada pelo Regime, pois já no 1º de abril de 1964, dia do golpe, a sede da União Nacional dos Estudantes (UNE), no Rio de Janeiro, foi invadida e incendiada, sendo a entidade posteriormente dissolvida e passando a atuar na clandestinidade.

O tempo passava, a Ditadura se mantinha, mostrado em 1968 uma das suas mais duras faces no Ato Institucional nº 5 (AI-5), que autorizava o Presidente da República a decretar o recesso do Congresso Nacional, intervir nos estados e

---

<sup>3</sup> Fundada em 20 de agosto de 1949, as origens da ESG remontam ao período em que a Força Expedicionária Brasileira (FEB) combateu na Itália, no contexto da Segunda Guerra Mundial. Esta expedição esteve sob comando norte-americano, o que proporcionou uma estreita relação destes comandantes com os oficiais brasileiros, que ao fim da guerra passam a frequentar cursos militares nos EUA. Aprenderam nas escolas americanas que a «Defesa Nacional» não consistia mais tão somente em defender-se de invasões externas, mas também de combater o «inimigo interno». (Arns, 2000)

municípios, cassar mandatos parlamentares e suspender por dez anos os direitos políticos de qualquer cidadão. Face ao medo dos movimentos de resistência em deixar rastros de suas ações, estes passam a agir de forma clandestina, a fim de não serem apanhados. O movimento de trabalhadores inovou na forma de organização das greves, de modo que a mobilização ocorria dentro das fábricas, em rede e sem lideranças ostensivas, o que dificultava o serviço de monitoramento realizado pelas forças militares (Schwarcz & Starling, 2015). Com o Decreto-lei 477 de 1969, a mão da Ditadura mais uma vez cai pesada sobre a educação, punindo, por meio de julgamentos sumários, professores, alunos e funcionários que deflagrassem movimentos com a finalidade de paralisar as atividades escolares, organizassem passeatas, comícios ou que confeccionassem materiais ditos «subversivos».

Em paralelo a esta escalada repressiva, podiam ser sentidos no Brasil os ventos que sopravam do mundo. Eram os ares de 1968, um ponto de inflexão, resultado de inúmeros acontecimentos que «desajustaram e tensionaram o espaço social e político planetário» (Padrós, 2003, p. 10). Embora se tenha consolidado todo um imaginário em torno do *Maio de 68* de Paris, é importante destacar que se trata de um fenômeno muito mais amplo, com movimentos que começaram antes e tiveram seguimento posteriormente. Em linhas gerais, foi um tempo marcado pelas contestações ao imperialismo e à ordem instituída, com o crescimento de organizações de esquerda, de contracultura e de utopias (Holzmann & Padrós, 2003). Um processo histórico profundo e complexo, sentido em diferentes países ao redor do mundo e moldando-se pelos contextos locais.

No Brasil, o emblemático 1968 foi impactado pela morte do estudante secundarista Edson Luís, pela Polícia Militar do Rio de Janeiro, quando este participava de uma manifestação contra a baixa qualidade da comida fornecida aos estudantes no restaurante Calabouço<sup>4</sup>. Milhares de pessoas acompanham o seu funeral e sua morte representou um grande desgaste na imagem dos militares ante a opinião pública. Este episódio foi o catalisar da retomada das manifestações de rua durante a Ditadura<sup>5</sup>, como a simbólica *Passeata dos 100 mil*<sup>6</sup>.

Muitas eram as pautas, pulverizados eram os movimentos. Mesmo a busca democrática, principal bandeira dos movimentos opositores ao Regime, tem seus matizes. Afinal, de que tipo de democracia se está falando? Qual democracia buscavam? Qualquer generalização pode revelar-se uma armadilha. Como nos lembra Carrillo-Linares (2015), a luta contra as ditaduras não significava um alinhamento automático a um modelo de democracia de corte liberal, de modo que boa parte dos movimentos estudantis mundiais nos anos de 1960 e 1970 tinha posições de corte marxista revolucionário<sup>7</sup>.

<sup>4</sup> O restaurante Calabouço foi inaugurado em 1951 na antiga sede da UNE, na Praia do Flamengo, mas foi transferido no ano seguinte para a Avenida Infante Dom Henrique.

<sup>5</sup> Fausto, B. (14<sup>a</sup> Ed.). (2012). *História do Brasil*. São Paulo: Edusp.

<sup>6</sup> A passeata ocorreu em 26 de junho de 1968, na cidade do Rio de Janeiro, contando com a participação de estudantes, artistas, intelectuais e outros setores da sociedade brasileira.

<sup>7</sup> Segundo Carrillo-Linares (2015), os diversos grupos políticos do movimento estudantil ao redor do mundo agruparam-se em torno de três núcleos principais: os marxistas-leninistas, trotskistas e os anarquistas. Cada um destes contou ainda com correntes e sub-grupos. Dentro do grupo marxista-leninista, sobressairam-se os maoístas. Segundo o autor, o maoísmo teve grande

No Brasil, os discursos e movimentos que tiveram como objetivo mais participação democrática e autonomia das universidades e do movimento estudantil, deram-se no contexto de uma estrutura administrativa historicamente centralizadora, com um Ministério da Educação com grande poder de interferência nas instituições de Ensino Superior em geral e nas Federais de forma ainda mais direta<sup>8</sup> e sob todas as restrições impostas pela Ditadura. Neste contexto autoritário, algumas das narrativas de antigos moradores da CEUACA, como a de Edson Canabarro, professor aposentado da rede pública estadual e militante do Partido Comunista Brasileiro (PCB), têm permitido perceber a dimensão e o alcance dos eventos franceses.

Quando eu passei no vestibular da UFRGS, era época de 1968, uma fornada de indivíduos protestou contra a Ditadura. Porque na Europa houve protestos que eu acho influenciaram aqui. Tinha um cara que liderava as passeatas lá na França, era o Rouge<sup>9</sup>. (...) Então a gente lembrava disso, e muitas passeatas começaram. Eu ouvia falar que estava morrendo gente pelo DOI-CODI, pelo DOPS, naquela época se ouvia falar mais no DOPS. Então pensamos - nós vamos ter que começar a brigar, a lutar! (Entrevista com Edson Canabarro, em 08/03/2017).

Este excerto das memórias narradas por Edson aproxima-se do objetivo de pensar a Casa enquanto instituição educativa na sua relação com os eventos políticos eleitos como principais marcadores do recorte temporal em questão: a Ditadura Civil-Militar brasileira e o Maio de 68.

### **3. Um contexto político visto a partir da Casa do Estudante**

Como posto inicialmente, a pesquisa que desenvolvo parte da ideia de que as Casas de Estudante são instituições educativas, possuidoras de uma hermenêutica complexa, conforme bem lembra Justino Magalhães (2004), para quem as leituras sobre estas organizações devem ser críticas e abertas, levando em consideração valores subjetivos, as identidades construídas nestes espaços, seus contextos sociais, culturais e geográficos. Estas análises são sempre e necessariamente amplas.

Um dos primeiros aspectos que emergem deste olhar para o contexto político e cultural do período 1963-1981, a partir da CEUACA, é a amplitude do controle que a

---

impacto no movimento estudantil de todo o mundo, especialmente devido a Revolução Cultural (1966-1976).

<sup>8</sup> O chamado Estatuto das Universidades Brasileiras (*Decreto 19.851 em 11/04/1931*) previa, entre outras coisas, as formas de escolha dos Diretores de Faculdades e Reitores das Universidades por meio de listas tríplexes, devendo os nomes ser referendados pelo Ministro da Educação. A concepção administrativa contida neste decreto manteve-se na Reforma Universitária realizada durante o regime civil-militar através da lei 5540/68 e ainda hoje reverbera nas universidades brasileiras.

<sup>9</sup> Referência a Daniel Cohn-Bendit, líder estudantil protagonista da massiva movimentação popular em maio de 1968 em Paris, conhecido como «Dany le Rouge».

Ditadura buscava ter sobre os movimentos estudantis, lançando seus olhos vigilantes para dentro de espaços privados como a moradia estudantil, embora nestes locais as dimensões pública e privada estejam em alguma medida imbricadas. Os relatos têm dado conta da presença dos chamados «ratos», agentes civis recrutados pelo Sistema Nacional de Informações (SNI):

Nós tínhamos desconfiança de algumas pessoas de dentro da Casa do Estudante, uma delas confirmou-se depois que era um agente da ditadura mesmo. É o que nós chamávamos na época de «ratos». Eram informantes que ganhavam para isso. O Sistema Nacional de Informações tinha agentes civis, que eram recrutados e que se infiltravam nos movimentos populares, dentro do movimento estudantil, dos movimentos de massa, do movimento operário. Eles estavam dentro das reuniões. (Entrevista produzida com Nivaldo Cunha, em 18/04/2017).

Quanto aos movimentos contestatórios no fluxo de 1968, como já referido, eram múltiplas as bandeiras empunhadas. Ainda assim, é possível traçar alguns grandes eixos, que contribuem no esforço explicativo do pesquisador, como por exemplo, as críticas aos sistemas de ensino, suas estruturas rígidas e a reivindicação por democracia nas relações internas das instituições (Fausto, 2012), liberdade e auto-organização. No Brasil, a Lei nº 4.464 de Novembro de 1964, conhecida como Lei Suplicy de Lacerda, é exemplo de ataque frontal a estes princípios, ao substituir a UNE pelo Diretório Nacional de Estudantes (DNE), mero apêndice do Ministério da Educação. Neste contexto, torna-se interessante contrastar os efeitos de tais medidas com os sentidos construídos sobre a autonomia e o modelo administrativo da CEUACA. Algumas das narrativas de memória vêm revelando representações do caráter autogestional como um aspecto valorizado e distintivo da instituição. Nereu Lima, morador entre de 1965-1970, concedeu o seguinte relato:

Havia uma questão de honra para a CEUACA: a Ditadura jamais poderia mandar em nós! Éramos como um oásis de democracia dentro de uma ditadura generalizada. Foram períodos terríveis! Eu passei ali os piores momentos do Regime. Quantitativamente, nós tínhamos uma frente de luta minúscula, mas éramos um foco de resistência. Éramos vistos com maus olhos, e havia espíões dentro da Casa. Uma das questões acerca das quais mais lutavam contra nós, principalmente a Reitoria da UFRGS, era de que nós deliberássemos por nos subordinarmos como Casa do Estudante à Universidade. Passaríamos a ser subordinados legalmente, coisa que não aceitamos. (Entrevista com Nereu Lima, em 19/11/2015).

Por outro lado, este contexto de autogestão e suas decorrentes instâncias decisórias, parece ter favorecido a manifestação, dentro da Casa, do cisma ideológico observado no contexto histórico em análise. As narrativas têm demonstrado que estas forças acabaram sendo reproduzidas no interior da CEUACA, materializadas no conflito *Gringos x Comunistas*, ligados, respectivamente aos campos ideológicos



da direita e esquerda. Paulo Guimarães, em sua narrativa, fornece-nos um bom cenário deste acirramento:

Na Casa do Estudante sempre existiram dois partidos: os de esquerda e os de direita. E eram aguerridos, influenciadores, lavadores de cabeça! Faziam lavagem cerebral! (...) Se você tivesse a sorte de entrar do lado dos veteranos de direita era mais fácil você entrar para a direita do que para a esquerda. Porque terminavam fazendo a tua cabeça. Se você tivesse a sorte ou azar, sei lá, vai de cada um, naqueles quartos de esquerda, onde eles se concentram, fazendo grupinhos, facilitando discussões e as parcerias, era óbvio que você iria para o lado da esquerda. (Entrevista com Paulo Guimarães, em 08/10/2015.)

A análise do conjunto das narrativas de memória produzidas denota uma competição por espaços de poder dentro da Casa, como a Direção ou outras instâncias decisórias, a exemplo da Assembleia e do Conselho Deliberativo. Mais do que cargos ou decisões administrativas de curto prazo, estavam em jogo também as diretrizes quanto aos rumos, ao futuro da instituição, razão pela qual o elemento ideológico parece acentuar-se. Os relatos sobre estas disputas vêm indicando a existência de demarcações e sentimentos de pertença, memórias revestidas de uma carga valorativa e analítica, na medida em que são evocadas para explicar uma determinada situação ou contexto. Ecléa Bosi (2012) fala num «desejo de explicação», que atua tanto no presente quanto no passado, «integrando experiências nos esquemas nos quais a pessoa norteia a sua vida» (BOSI, 2012, p. 419). São miradas para o passado com as lentes do presente, focalizadas pelas ideias que conferem um sentido a nossa presença no mundo.

Entre as inúmeras narrativas que transparecem os aspectos ideológicos, escolhi dois excertos para a discussão. O primeiro é uma fala de Paulo Guimarães sobre as administrações de esquerda na CEUACA:

Tempos de esquerda, tempos de penúria. (...) Acontecia assim, a direita ganhava um, dois, três anos. E a esquerda tentando angariar adeptos com os bichos, até que chegava uma época em que eles conseguiam ultrapassar a direita e ganhar a administração da Casa. Aí acontecia algo muito peculiar: aquele ano a situação econômica da CEUACA degradingolava. Porque o pessoal da esquerda gosta muito de discutir, gosta muito de se reunir, gosta muito e se impor, mas de trabalhar, de procurar dinheiro, que a casa procurava constantemente, eles não eram muito desta parte. Abandonavam essa parte, ficavam mais na parte política, na parte filosófica (Entrevista com Paulo Guimarães, em 08/10/2015).

Já Paulo d'Ávila, que parece identificar-se ao grupo dos chamados *Comunistas*, assim recorda o tempo em que foi Diretor da Casa:

Um tempo depois teve eleições, ganhamos primeiro o Conselho e depois a diretoria da Casa e derrotamos os Gringos. E nós precisamos fazer uma revolução na Casa, porque ela estava falida. Uma das coisas que nós fizemos

foi que todo mundo trabalhasse, de presidente ao último lá. Eu mesmo, fui Presidente, trabalhava na bilheteria, trabalhava aqui, trabalhava lá. (...) E diferente dos privilégios de quem conseguiu dinheiro com os deputados, governadores e tudo mais, a nossa gestão não recebia um tostão. (...) Verbas públicas não vinha um centavo. Vários dias da semana era sopão, carne estava difícil, então era ovo cozido. Estava mal mesmo a coisa! Nós conseguimos recuperar e começou a entrar de novo aquela chuleta, naquela chapa de fogão à lenha. E olha, chegamos num padrão de comida muito bom. Nós dávamos de 10 a 0 no RU da UFRGS! (Paulo d'Ávila)<sup>10</sup>.

A proposta aqui não é, nem poderia ser, confrontar versões, mas buscar entender como antigos moradores da CEUACA constroem, nas narrativas de memória, sentidos sobre sua experiência nesta coletividade. A partir destas considerações, o aspecto ideológico parece ter bastante força na formulação das representações sobre a experiência de viver a CEUACA e as dissonâncias entre as diferentes narrativas podem ser melhor compreendidas. A elaboração da memória, como nos lembra Ulpiano de Menezes (1992), acontece no presente, para responder as demandas deste mesmo presente. Complementando esta ideia e citando mais uma vez Kaufmann (2013), remeto ao próprio paradigma científico que orienta este estudo: as representações não são um mero reflexo da realidade, mas são a própria construção desta. Tais considerações são importantes para entendermos os significados diversos atribuídos a vivência de um mesmo espaço, numa mesma temporalidade.

Além disso, há que se considerar a complexidade dos fenômenos de militância e filiação a determinadas correntes de pensamento. Carrillo-Linares (2015) lembra que não é possível reduzi-los aos conceitos ideológicos, embora haja grande influência destes. Para o autor, o ativismo político nas universidades sempre foi marcado por uma dimensão de proximidade pessoal, seja pelos riscos inerentes do contexto repressivo, seja pela forma como se dá a aderência a certos discursos e linhas políticas e ideologias, não devendo ser desconsideradas as influências de amigos, colegas de turma, namorados, professores, por meio do compartilhamento de sensibilidades que excedem o puramente político, como as afinidades musicais, literárias, a arte, a estética, etc. De certa forma a fala de Paulo Guimarães transparece esta ideia, quando diz que «se você tivesse a sorte de entrar do lado dos veteranos de direita, era mais fácil você entrar para a direita do que para a esquerda»<sup>11</sup>.

É possível identificar no histórico institucional da CEUACA alguns importantes marcadores associáveis ao campo ideológico à esquerda, como a doação do prédio sede da Rua Riachuelo nº 1355 pelo casal Israel Almeida e Maria Antônia Cora de Almeida, ambos membros do Partido Comunista Brasileiro (PCB). A doação foi no propósito de homenagear a memória do filho Aparício Cora de Almeida, secretário

<sup>10</sup> Fala de Paulo d'Ávila durante a cerimônia de comemoração dos 65 anos da CEUACA, em 1999. Disponível para acesso em: <https://www.youtube.com/watch?v=LaDF3LDGfNs&t=881s>. Acesso em 24/09/2017.

<sup>11</sup> Entrevista com Paulo Guimarães, em 08/10/2015

da Aliança Nacional Libertadora (ANL<sup>12</sup>), morto em 1935, no contexto varguista e em circunstâncias nunca muito bem esclarecidas<sup>13</sup>. A despeito deste e outros episódios, bem como do grupo social que compunha a Casa, constituído por estudantes oriundos de camadas populares, não é possível falar em filiação automática a um discurso, tampouco na predominância de uma ideologia dentro da instituição analisada. Mesmo que Aparício empreste seu nome a CEUACA, a pesquisa vem sinalizando que a imagem deste e o episódio de sua morte foram apropriadas de distintas formas pelos moradores nos anos que se seguiram.

Especificamente com relação ao regime civil-militar que então ocupava o poder, Nereu, ao também relembrar a cisão ideológica no interior da Casa, enfatiza que «havia inclusive simpatizantes da Ditadura, simpatizantes!». Conta, no entanto, que apesar de as assembleias serem «muito tumultuadas, nunca chegamos a extremismos e agressão física»<sup>14</sup>. Também João Pedro Stédile lembra o quanto «as assembleias eram disputadíssimas. Quentes! Tudo foi quente!»<sup>15</sup>.

Apesar do cisma ideológico *Gringos x Comunistas* ser importante para uma leitura histórica da instituição CEUACA, tendo concorrido para a significação desta vivência pelos entrevistados, não há como falar em um perfilamento automático e coerente dos antigos moradores a um ou outro grupo. As narrativas utilizadas como fontes desta pesquisa não cessam de manifestar diferentes matizes, outras formas de colocar-se naquele contexto. É o caso de Flávio Scholles, que, ao receber-me numa manhã de sábado em seu atelier no município de Morro Reuter-RS, faz uma leitura destes embates, posicionando-se em um outro lugar, fora dos polos:

Se tu eras de classe média e quisesses agredir os teus pais, o que a maioria da classe média jovem quer, tu usavas droga ou eras de esquerda ou então viravas naturalista. Era uma destas três coisas para agredir os pais. Alguns deles viravam comunistas, mas nem sabiam o que era o comunismo. Eu achava meio idiota isso. Tinha essa Guerra Fria entre EUA e Rússia, mas eu não era nada disso! Eu tinha vindo com a doutrina social da igreja na cabeça. Eu não era comunista nem socialista. (...) E depois eu saí do DCE porque eu não queria essa coisa da política surreal, de derrubar governos, essa coisa toda meio ilusória. E eu não gostava desta violência, porque eu vinha do seminário... (Entrevista com Flávio Scholles, em 19/09/2015).

---

<sup>12</sup> Aliança Nacional Libertadora foi oficialmente lançada no Rio de Janeiro, em 30 de março de 1935. Segundo Fausto (2012), tratava-se de uma ampla frente de esquerda, composta por comunistas, socialistas e antigos tenentes insatisfeitos com os rumos do governo de Getúlio Vargas. Em julho de 1935, após um manifesto de Prestes conclamando à derrubada do governo de Vargas, este, com base na Lei de Segurança Nacional, ordena o fechamento da organização.

<sup>13</sup> A morte de Aparício ocorreu na noite do dia 13/10/1935, num restaurante no bairro Tristeza, em Porto Alegre, com um disparo de arma de fogo na altura do ouvido. A versão oficial da conta de que se tratou de um acidente, fruto de uma brincadeira da vítima com seu próprio revolver. Esta versão, no entanto, sempre foi contestada e a morte foi trada pela família e pelo grupo político de Aparício como assassinato, impetrado pela polícia do General Flores da Cunha, então governador estadual.

<sup>14</sup> Entrevista produzida com Nereu Lima, em 19/11/2015.

<sup>15</sup> Entrevista produzida com João Pedro Stédile, em 17/03/2017.

Embora este não seja um estudo quantitativo, é relevante notar a diversidade de nuances que emergiram de apenas oito narrativas de memória sobre a questão ideológica. Considerando este como sendo um dos marcadores de identidade, faz-se importante ressaltar que tais posicionamentos não devem ser entendidos como estáveis, ou seja, que tenham permanecido inalterados do transcurso de tempo entre o vivido e o narrado, ou ainda, que caracterizem uma essência destes sujeitos. Neste sentido, faz-se operatória a ideia de sujeito pós-moderno de Stuart Hall (2015), segundo o qual possuímos identidades diferentes em diferentes momentos, que podem até mesmo ser contraditórias e estar em contínuo deslocamento. O sentimento de uma identidade unificada ao longo de toda uma vida seria o fruto da construção de uma «cômoda história sobre nós mesmos ou uma confortadora narrativa do eu» (Hall, 2015, p.12).

Postas estas observações, seguimos discutindo ainda as narrativas decorrentes da pergunta sobre as posições políticas dentro da Casa, realizada durante as entrevistas. Indagado sobre este aspecto, Waldomir, morador da CEUACA em 1963, quando era estudante do último ano de Odontologia e trabalhou no consultório dentário dentro da Casa, respondeu-me: «eu nunca me envolvi em política estudantil, eu não sabia da coisa». Ao falar sobre as divisões ideológicas, pontuou que sua visão política «sempre foi humanística, de ajudar os outros». E acrescentou: «eu achava que atender um colega [no gabinete odontológico], um estudante, para mim era uma coisa que me deixava realizado». Não deixou, no entanto, de tecer algumas críticas aos comunistas, «especialmente aqueles que são comunistas com o dinheiro dos outros». E sobre estes, completa: «nunca fazem um serviço social»<sup>16</sup>.

Se variados são os matizes ideológicos e as formas de perceber o contexto político fora e dentro da instituição, variadas e complexas também parecem ter sido as maneiras de se relacionar com os agentes militares. Quando Rui recebeu-me em sua Casa para relembrar seus tempos de CEUACA, contou-me que o ano de 1968 foi bastante marcante em sua vida, pois foi quando entrou na UFRGS, na CEUACA e no Centro de Preparação de Oficiais da Reserva (CPOR), em virtude de seu alistamento militar. Lembra ainda que nesta época Porto Alegre encontrava-se «no maior agito» por causa das manifestações contra a Ditadura, mas que ele não poderia participar destes atos, pois como aluno do CPOR, era considerado um militar e não um civil. «Nós, éramos proibidos de participar de qualquer manifestação»<sup>17</sup>, conta. Em sua narrativa, Rui põe-se num lugar espectador daqueles episódios:

Um dia quando eu voltava da faculdade, o centro de Porto Alegre estava na maior das confusões. A Polícia do Exército (PE) largando pau na turma! Eu tive de fazer uma volta enorme para poder chegar até a nossa Casa, me arrastando e escondendo, porque havia o corte de cabelo de milico, até encontrar um sargento lá na rua Duque de Caxias. Identifiquei-me, disse que eu era do CPOR, que estava proibido de participar de qualquer ato e que não sabia como eu ia chegar até em casa, porque já era meia noite e tanto e na manhã

<sup>16</sup> Entrevista com Waldomir Gonçalves, em 08/04/2017.

<sup>17</sup> Entrevista com Rui Adolfo Kirst, em 17/02/2017

seguinte, às 7h em ponto, eu deveria estar em formatura no CPOR. Ele então me acompanhou até a porta da Casa do Estudante, são e salvo! Por isso eu não participei de nada, não sei de nada, nós éramos proibidos. Mas que era muito bagunça era! (Entrevista com Rui Adolfo Kirst, em 17/02/2017).

A fala de Rui transparece um outro aspecto igualmente importante na análise institucional da CEUACA e sua pertinência para os movimentos estudantis: o espaço-social ocupado no centro da cidade de Porto Alegre. A Casa localiza-se a uma quadra da praça do poder do estado do Rio Grande do Sul, cercada pelo Palácio Piratini, Assembleia Legislativa, Catedral Metropolitana e próximo a chamada Esquina Democrática<sup>18</sup>, locais emblemáticos para as manifestações públicas. Muitas vezes a Casa funcionou como um ponto estratégico para as ações de resistência contra a Ditadura, não só de estudantes, mas também de outras categorias mobilizadas.

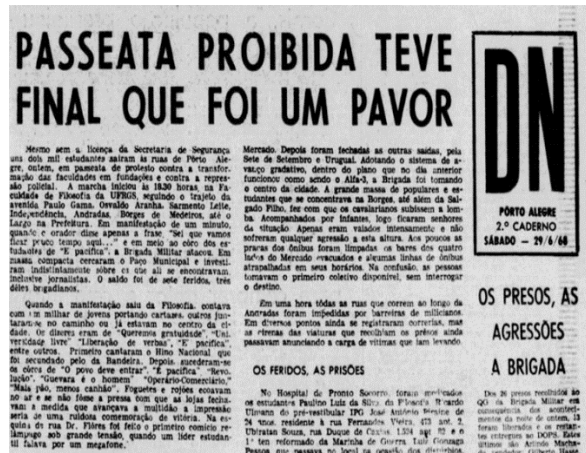
Neste sentido, Nivaldo Cunha lembra que muitas vezes «quando a repressão apertava, o pessoal do movimento estudantil e pessoas que vinham de outras localidades entravam ali na Casa do Estudante, porque depois que fechávamos aquela grade de ferro não tinha como a repressão entrar». O entrevistado também lembrou-se de uma greve da construção civil em 1979, «onde os operários recolhiam dinheiro nas paradas de ônibus, nas avenidas ali no centro da cidade e levavam em sacos plásticos lá para a CEUACA, onde era feito um fundo de greve»<sup>19</sup>. Esta localização da Casa próximo aos principais pontos de manifestação política da época, torna recorrentes os relatos de episódios de confronto que se desenrolaram no seu entorno ou até mesmo dentro dela.

---

<sup>18</sup> Esquina no encontro das ruas Borges de Medeiros e Rua dos Andradas Local de grande representação no imaginário popular da cidade de Porto Alegre. A Rua da Praia, uma das formam a esquina, desde o século XIX é ponto tradicional de passeatas e manifestações. Registrou inúmeros atos políticos e artísticos durante os anos de 1970 e em 1982 foi palco do movimento pelas «Diretas Já», ano em que recebeu a denominação «Esquina Democrática». O espaço foi tombado pelo município em 1997 (Fonte: Memorial descritivo da Prefeitura Municipal de Porto Alegre).

<sup>19</sup> Entrevista produzida com Nivaldo Cunha, em 18/04/2017

Figura 1: Reportagem de capa do jornal Diário de Notícias sobre desfecho de manifestação contra a Ditadura em 1968.



Quando os choques de controle de tumulto chegaram à Rua Riachuelo, houve uma escaramuça na frente da Casa do Estudante Universitário Aparício Cora de Almeida, com os estudantes que ali residem. Em consequência, recebeu ferimentos o estudante de engenharia José Felix, natural do Paraná, além de ser preso o presidente da entidade, Nelson Tomaselli, aluno do 4º ano de Medicina. Dois homens da Brigada Militar ficaram na porta do estabelecimento, exigindo identificação de todos os que quisessem entrar (Diário de Notícias, 29/06/1968).

A narrativa abaixo transcrita trata da emblemática cena em que estudantes atiram bolinhas de gude em direção aos cavalos da Polícia Militar. Um dos desdobramentos deste episódio foi a prisão do então morador da CEUACA, Nereu Lima, que assim lembra o ocorrido:

Na época houve uma manifestação estudantil, a repressão era muito violenta e alguém, ou um grupo de manifestantes, jogou bolinhas de gude nos cavalos dos brigadianos. Dois ou três cavalos foram derrubados e se lesionaram. Então houve uma perseguição e os estudantes se refugiaram dentro da Casa. E nós não abrimos e eles ameaçavam de arrambar. Alguns estudantes que estavam voltando da aula naquele momento foram presos. Fizemos uma Assembleia Geral Extraordinária e deliberamos que eu deveria, por ser o estudante de Direito, trabalhar para soltá-los no DOPS. E fui! No que eu coloquei o pé para fora da Casa, havia uma Kombi estacionada ali na Riachuelo, então deramme um empurrão para dentro da Kombi: era o próprio diretor do DOPS, Marco Aurélio Reis, que se prestou para esta violência, indo pessoalmente ali. Então eu fui preso. (...) (Entrevista com Nereu Lima, em 19/11/2015).

São recorrentes relatos de prisões e tentativas de prisão de outros moradores, bem como sobre os momentos de negociação dos estudantes com as autoridades militares pela soltura de colegas e a entrada de agentes da Ditadura na Casa procurando subversivos. João Pedro Stédile lembrou do caso de seu colega de quarto, conhecido como Inácio Mafra, que foi procurado pela polícia na CEUACA e «pulou na lavanderia lá atrás, pulou nos prédios, correu para a Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, onde deve ter procurado algum deputado do PMDB». Dias depois, sem ter qualquer notícia acerca do paradeiro de Inácio, viria a notícia arrasadora, numa manchete do jornal Folha de São Paulo: «Foi assassinado em confronto com a política o guerrilheiro Inácio Mafra». João Pedro lembra a comoção gerada na Casa pela morte do companheiro, a ponto de chegarem a encomendar uma missa em sua memória. «Aí, depois com a anistia em 1979, 1980, acho que foi uma irmã dele que me escreveu, dizendo que ele não tinha morrido! Ele fugiu para Belo Horizonte e lá trocou de nome, fez concurso para o Banco do Brasil, virou bancário e casou com nome falso»<sup>20</sup>. A Casa estava no campo de visão e controle que o Regime buscou ter sobre a classe estudantil.

A fala de Nivaldo amplia as perspectivas sobre as relações entre movimento estudantil, movimento operário e moradores da CEUACA, ajudando a dimensionar a participação de parte destes estudantes nas organizações de contestação à Ditadura.

Havia organizações que buscavam fazer a junção do movimento estudantil com o movimento operário, sendo muito comum uma atividade do movimento de massa dos trabalhadores ter o apoio estudantil e vice-versa. Isso acontecia porque, de vez em quando, alguém era preso, então todos estes movimentos se encontravam na luta pela liberdade de quem estava preso, pela liberdade de quem já estava condenado. Parte dos estudantes da Casa estava participando ou apoiando o movimento. O Paulo Grapiglia e o AdeliSell foram presos, pois embora não fossem operários, eram lideranças (Entrevista com Nivaldo Cunha, em 18/04/2017).

Percebe-se, portanto, que a CEUACA não ficou alheia aos acontecimentos políticos do contexto da Ditadura, seja por sua localização no Centro Histórico da cidade de Porto Alegre, ponto de grande agitação política no período, seja porque o círculo acadêmico foi especialmente visado pelo regime, como já referido. Nem mesmo como espectador foi possível ficar indiferente a tais acontecimentos. Pensar a Casa nesta perspectiva é fundamental para a escrita do itinerário histórico da instituição e pensar a relação do Regime Militar com as diferentes organizações estudantis.

Estamos diante de uma série de atravessamentos, situações, demandas que se apresentavam a este jovem estudante que ao mesmo tempo vivia e construía a CEUACA. Muitos destes significaram estas experiências decorrentes do contexto político como formativas, assim como a característica autogestional da Casa, na medida em que a manutenção e administração de toda a estrutura oferecia a

---

<sup>20</sup> Entrevista com João Pedro Stédile, em 17/03/2017.

oportunidade de simular papéis diversos. Para além deste caráter formativo que poderíamos chamar de não-intencional, por ser uma consequência da autogestão, parece haver um outro, intencional, do qual a presença de uma biblioteca no interior da Casa parece ser sintomática.

Como também lembra Justino Magalhães (2004), as instituições educativas possuem uma estrutura física, uma estrutura administrativa e uma estrutura sociocultural. Para o caso da CEUACA, a biblioteca parece ter sido uma das principais expressões desta estrutura sociocultural. Ao se analisar o perfil predominante de moradores, que dividiam seu tempo entre o trabalho durante o dia, aulas à noite e as atividades de manutenção da Casa, a existência de tal recurso junto ao local de moradia torna-se aspecto relevante de análise, com implicações tanto na organização quanto nos sentidos e o papel que a Casa do Estudante atribuía a si mesma.

Por outro lado, os títulos de periódicos e livros contidos nesta biblioteca nos dão ideia de alguns dos discursos jornalísticos e literários que circulavam no interior da Casa, auxiliando-nos a melhor dimensionar a «socialização e formação de hábitos» bem como as «mudanças de atitudes e interiorização de valores» (Magalhães, 2004, p.145). Os relatos dão conta de que a CEUACA mantinha a assinatura dos principais jornais do país e do estado do Rio Grande do Sul, além de adquirir publicações censuradas pela Ditadura.

Eu me lembro que chegamos a comprar para a nossa biblioteca, mesmo depois de censurados, o Zero, de Ignácio de Loyola Brandão, Em Câmera Lenta do Renato Tapajós. (...) E também os grandes clássicos latino americanos da época, como o Garcia Marquês, Vargas Llosa, Borges e tantas outras da literatura brasileira (Entrevista com Nivaldo Cunha, em 18/04/2017).

Eu sou grato a CEUACA porque a Casa fazia assinatura de jornais e deixava naquela salinha lá da entrada. Tínhamos o Correio do Povo, o Correio da Manhã, o Estado de São Paulo, onde ainda saía alguma coisa contra a Ditadura, porque os Mesquita lá eram contra o governo, então nós assinávamos o Estadão (Entrevista com João Pedro Stédile, em 17/03/2017).

Edson Canabarro nos relata que quando entrou na Casa, embora já tivesse ouvido falar sobre marxismo, ainda se considerava brizolista<sup>21</sup>: «Lembro que alguém me atirou lá pela janela um livrinho do Mao SteTung e então eu emprestei para o Inácio Mafra, um “catarina” que estudava filosofia»<sup>22</sup>. Falas como estas e de outros moradores apontam para um circuito interno de leituras para além das publicações presentes na biblioteca da instituição. Outras narrativas também fazem referências às estratégias de burlar o olhar vigilante da Ditadura, como a utilização de capas de jornal para encobrir os títulos dos livros que circulavam entre os quartos.

---

<sup>21</sup> Por brizolista entende-se que seja filiado aos princípios trabalhistas de Leonel de Moura Brizola (1922-2004), figura proeminente da política brasileira e fundador do Partido Democrático Trabalhista (PDT) em 1979. É alinhado às ideologias trabalhista e social-democrata, sendo o único partido brasileiro a integrar a Internacional Socialista.

<sup>22</sup> Morador da CEUACA entre os anos de 1968 a 1972.



Na CEUACA, apesar da Ditadura, tinha um clima muito bom, porque circulava muito livro. Nós escondíamos os livros, colocávamos capas de jornal para disfarçar. Era um ambiente de muito debate político nos quartos e muita circulação de livros. Toda a literatura marxista que eu tive acesso no início foi lá. Também circulava muito panfleto. Na época tinha mimeógrafo, então circulava muito boletim de mimeógrafo, com notícias da Guerrilha do Araguaia em 1972, 1973. Então nós ficávamos torcendo: «Será que vai dar certo lá os guerrilheiros?». Depois começou já a luta pela abertura, aí já pegamos o início do jornal «Movimento», o próprio jornal «Opinião» (Entrevista com João Pedro Stédile, em 17/03/2017).

Afora estas narrativas sobre as leituras, há uma série de outras dando conta da existência de clubes do cinema dentro da Casa (grupos de estudantes discutindo filmes) e a frequência a bares e cafés do entorno, locais de encontro de estudantes e intelectuais, reforçando a ideia de um ambiente fértil de influências, debate político e trocas culturais. A moradia estudantil revela-se, assim, um espaço social que necessita ser levado em consideração nos debates sobre organizações estudantis e conseqüentemente, inscrito como tema de pesquisa no campo da História da Educação.

#### **4. Considerações Finais**

Na reflexão aqui exposta, a estratégia utilizada foi a de inicialmente trazer alguns elementos sobre a organização do Ensino Superior no país, a estrutura universitária, um panorama sobre os movimentos estudantis em sentido mais *stricto*, mesclados com importantes episódios da histórica política no Brasil. Isto permitiu pensar o quanto a educação é visada pelos regimes políticos que buscam consolidar-se no poder, oferecendo uma imagem da amplitude de interferência da Ditadura no sistema educativo brasileiro. Paralelamente, ao se fazer um apanhado geral dos reflexos do fenômeno *Maiô de 68*, apontando para algumas especificidades da manifestação no contexto local, foi possível observar quão variadas foram as pautas dos diferentes movimentos sociais de então e o sentido polissêmico da própria democracia que se buscava.

A proposta de mirar o contexto político a partir da CEUACA permitiu perceber a complexidade das dinâmicas internas desta instituição e toda a vitalidade nelas contida, tornando aparentes divisões ideológicas e fazendo perceber que a filiação a determinados discursos não acontece de forma automática. Também foi possível inscrever as Casas de Estudante como outra forma de organização estudantil, e a partir dela, outros matizes de percepção e relação com a Ditadura Civil Militar de 1964 e o Maio de 68.

As instituições educativas, como lembrou Justino Magalhães (2004), são um emaranhado de ações, explicações, comunicação, poder, relações com a comunidade envolvente e povoadas de representações e memórias frequentemente contraditórias. Isto deve ser, conforme o autor, um estímulo à aproximação aos referidos climas e contextos institucionais. As memórias aqui mobilizadas dão a ver formas de construção de representações dos sujeitos habitantes de moradias

estudantis e o jogo de forças que compõem a estrutura administrativa, identitária e simbólica das Casas de Estudantes.

## 5. Referências bibliográficas

- Arns, P. E. (31ª Ed.). (2000). *Brasil: Nunca Mais*. Petrópolis: Vozes.
- Bosi, E. (2003). *O Tempo Vivo da Memória: Ensaio de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial.
- Bosi, E. (17ª Ed.). (2012). *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Burke, P. (2008). *O que é História Cultural?* Rio de Janeiro: Zahar.
- Carrillo-Linares, A. (2015). Universidades y transiciones políticas: el caso español en los años 60-70. *Espacio, Tiempo y Educación*, 2(2), 49-75.
- Certeau, M. (2013). *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária.
- Chartier, R. (2008). *A história: a leitura do tempo*. *Fronteiras do Pensamento*. São Leopoldo: Ed. UNISINOS.
- Chartier, R. (1990). *A História Cultural: Entre Práticas e Representações*. Lisboa: DIFEL.
- Cunha, L. A. (5ª Ed.). (2016). *Ensino Superior e Universidade no Brasil*. In Faria, L. M. F., Lopes, E. M. T., & Veiga, C. G. (Orgs.), *500 Anos De Educação No Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Cunha, M. T. S. (1999). Nas margens do instituído: memória/educação. *História da Educação*. ASPHE, 5, 23-38.
- Fausto, B. (14ª Ed.). (2012). *História do Brasil*. São Paulo: Edusp.
- Halbwachs, M. (2003). *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro.
- Hall, S. (1997). A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. *Educação & Realidade*, 22, 15-46.
- Hall, S. (11ª Ed.). (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Hinterholz, M. L. (2017). *O Lugar Onde a Casa Mora: memórias sobre a Casa do Estudante Universitário Aparício Cora de Almeida – CEUACA (1963-1981)*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre –Brasil.
- Holzmann, L. (Org.). (2ª Ed.). (2008). *Universidade e repressão: os expurgos na UFRGS / Associação de Docentes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: L&PM.

- Holzmann, L., & Padrós, E. S. (2003). *1968: Contestação e Utopia*. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS.
- Kaufmann, C. (Org.). (2017). *Dictadura y Educación. Tomo 1: Universidad y Grupos Académicos Argentinos (1976-1983)*. Salamanca: Fahren House.
- Machado, O. L. (2007). *Casas de estudantes Educação Superior no Brasil*. In Zaidan, M., Filho, M. Z., & Machado, O. L. (Orgs.), *Movimento Estudantil Brasileiro e a Educação Superior*. Recife: Editora Universitária.
- Motta, R. P. S. (1ª Ed.). (2014). *As universidades e o regime militar: cultura política brasileira e modernização autoritária*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Magalhães, J. P. (2004). *Tecendo Nexos: história das instituições educativas*. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco.
- Ricouer, Paul. (2007). *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da UNICAMP.
- Schwarcz, L. M., & Starling, H. M. (2015). *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras.

*página intencionadamente en blanco / page intentionally blank*